



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**DA REDENÇÃO À TEMPESTADE: DISCUSSÃO SOBRE PROGRESSO,  
IDENTIDADE E VIOLÊNCIA**

Mateus Araújo Rafael Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Essa apresentação tem como objetivo discutir as noções de progresso e desenvolvimento a partir de trabalhos bibliográficos que possibilitam perceber o progresso enquanto uma “ideologia de redenção” e que este pode ter impactos na natureza e na identidade de populações tradicionais. Segundo o pensamento desenvolvimentista, o progresso econômico pode ser alcançado quando há projetos de obras e construções financiadas pelo dinheiro público, ou pelo menos, essa é uma projeção. O progresso é violento na medida em que se manifesta através de obras que atingem o modo de vida e trabalho das populações tradicionais; percebe-se uma violência externa (à natureza) e interna (ao sujeito) quando há uma imposição de um padrão de vida mediado pelo capital a outro modo de vida tradicional. Conceitos como violência e identidade foram discutidos a partir de bibliografia especializada. Nesse sentido, a ideia foi perceber como o Estado, aliado ao capital na tentativa de alavancar o progresso de regiões avaliadas como atrasadas, impôs projetos de obras públicas e investimentos, e isso tem desdobramentos nas vidas dos sujeitos que os envolvem. Além disso, essa ideologia, quando materializada, produz uma história oficial e pública do progresso, do avanço, em contrapartida que produz outras memórias e perspectivas dos atingidos por essa “tempestade do progresso”.

**Palavras-chave:** Progresso, populações tradicionais, identidade, violência.

## INTRODUÇÃO

O custo do progresso pode ser muito alto. Talvez não tanto para o Estado e a classe dominante. Porém, o custo para as populações tradicionais é enorme, e os danos quase irreparáveis. Nota-se que ao longo dos anos no Brasil, projetos “faraônicos” que visam superar o atraso econômico e social de regiões mais afastadas dos grandes centros, e que suas economias se baseiam mais num aspecto rural o oposto do centro urbano-industrial. Esses projetos ganham legitimidade, pois baseiam-se nessa ideia de atraso, e o progresso é bem-vindo para superá-lo.

---

<sup>1</sup> Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH: Área de Concentração História e Regiões, pela da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO-PR. E-mail: silvaraujomateus@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Muitos trabalhadores de certa forma compram esse projeto de progresso e desenvolvimento, pois almejam prosperar, progredir e esses projetos oferecem trabalhos em que a remuneração, estabilidade, status quo de suas atividades tradicionais não oferecem na mesma medida. Acontece que muita gente se ilude com as promessas de trabalho e com os benefícios que esses projetos podem proporcionar em suas vidas. O progresso pode até existir para essas pessoas, mas às vezes ele é efêmero e o seu rastro pode ser mais devastador que a sua durabilidade.

Dito isso, esse trabalho quer entender como a “tempestade do progresso”, reverbera nos modos de vida e trabalho de populações tradicionais e como se relaciona com suas identidades. Em Arendt (2004), o progresso tecnológico pôde levar a humanidade a várias descobertas, e entre elas a bomba atômica, o que levando em conta a violência como sendo algo instrumental (que necessita de armamento bélico para ser realizada) corre-se o risco de uma destruição da natureza e da humanidade. Porém, o progresso econômico tem uma característica de violência física no que se refere a uma “violência ambiental” quando se interfere na natureza, e no sujeito talvez uma violência simbólica, global em relação a sua identidade. Assim, a partir de alguns trabalhos, esse artigo vai se concentrar em perceber esses elementos.

O objetivo desse artigo se articula com a dissertação em História do mesmo autor, pois a proposta é a discussão sobre progresso e desenvolvimento. Ou melhor, como essas duas noções se apresentam em declarações de políticos, em jornais, nas empresas encarregadas pela construção do complexo de pontes de Porto Camargo e isso em confronto com as memórias dos trabalhadores que estiveram presentes na obra tal como a população ribeirinha de Porto Camargo (pescadores, moradores). Nessa perspectiva de confronto entre memórias, a ideia é entender as relações de trabalho e poder que se deram nos anos de 1988 a 2018. No entanto, dada as modificações no projeto de mestrado, o objetivo torna-se a entender a construção da identidade de pescadores e moradores de Porto Camargo durante e após a construção do complexo de pontes. A discussão entre progresso e desenvolvimento foi mantida, porém, como “pano de fundo” nesse processo de constituição identitária após essas transformações que ocorreram com a construção e as implicações dessa na região de Porto Camargo e Icaraíma.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Fontes orais são imprescindíveis para esse trabalho ser concretizado, entretanto, visto que a pesquisa está no seu início, assim como as leituras teóricas, as entrevistas ainda não foram realizadas. Dessa forma, a discussão sobre como a identidade é constituída e se há ou não alteração dessa com a construção fica inviável. Por isso, esse artigo tem uma perspectiva mais conceitual, bibliográfica, devido às fontes principais não estarem produzidas.

Em relação à construção do complexo de pontes de Porto Camargo (distrito de Icaraíma, localizado na região noroeste do Paraná), ocorreu entre 1988 e 2002 em um trecho do rio Paraná (na divisa entre PR e MS) e foi uma das grandes apostas do governador Álvaro Dias para impulsionar o progresso da região noroeste. No entanto, ao longo da construção a obra foi uma das críticas a seu governo devido o custo e o tempo longo de construção.<sup>2</sup> O que chama atenção nessa obra e nas outras que serão discutidas, é a importância da imprensa como papel de legitimar projetos de construção custeados pelo Estado. Ou seja, a imprensa assumiu nesses casos um papel de defensor desses investimentos para que a “tempestade do progresso” se realize, no entanto, esses casos houveram conflitos e em determinados momentos a imprensa foi uma plataforma de denúncia dos problemas que poderiam causar a natureza e a população. A construção do complexo de pontes na região de Porto e Icaraíma teve uma interferência grande na natureza. O “corredor do progresso” (como ele é visto pelos responsáveis de sua realização) com o escoamento de produtos agrícolas até o Porto de Paranaguá, atualmente é mais um corredor do tráfico e do contrabando de drogas e cigarro. Tal complexo “possui” dois epítetos, além de ser uma das maiores obras fluviais da América Latina, é onde foi apreendida uma das maiores quantidades de maconha na história do Brasil.

## **SOBRE PROGRESSO**

Em Walter Benjamin (1987) sobre o conceito de história é possível perceber em algumas passagens a crítica que o autor faz à noção de progresso. Para esse momento, talvez seja “suficiente” a famosa passagem sobre o quadro de Paul Klee, sob o nome de *Angelus*

---

<sup>2</sup> A obra que custou em torno de 155 milhões de reais é uma das maiores obras fluviais da América Latina, “a obra foi iniciada no governo de Álvaro Dias, em 1988, e paralisada em 1990. Após essa paralisação, que durou seis anos, em 1996 foi retomada os trabalhos, concluindo e inaugurando a obra, em 2002 durante a administração do governador do Paraná Jaime Lerner, em 2002”(SILVA, 2017, p.9). Sobre a construção ver mais em: SILVA, Mateus Araújo Rafael. A construção do complexo de pontes do Porto Camargo e ribeirinhos em Icaraíma-Pr. 2017. 49 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



*Novus* (1920), em que Benjamin considera o anjo da história, este percebe uma catástrofe “chegando” para a humanidade. O anjo da história ao olhar para o passado, ele se assusta e se afasta ele não enxerga algo que vai de encontro com o progresso como sendo algo positivo, e sim ruínas, catástrofes, é uma tempestade do progresso que aguarda a humanidade no futuro (BENJAMIN, 1987, p. 226). Benjamin critica arduamente a crença cega no progresso econômico e técnico em que poderia contribuir para humanidade, talvez tenha tido essa interpretação tendo em vista seu período de escrita e vivência, no caso o entre as guerras mundiais e as investidas do nazi-fascismo, bem como a ideia de continuidade da história como algo linear.

Ao longo da obra *Sobre a violência* Hannah Arendt (2004) discute entre outros temas, a noção de progresso que aqui será pertinente para discussão desse trabalho. Em linhas gerais a autora aponta que esse conceito “significa crescimento, o infatigável processo de mais e de mais, de maior e maior” (ARENDR, 2004, p. 53). A noção de progresso da humanidade era desconhecida até o século XVII segundo Arendt, e a partir disso evoluiu para uma opinião comum no século XVIII, e até se tornar um dogma no século XIX.

Nisso a autora aponta as diferenças dessa noção do seu começo até seu estágio final. No século XVII com Pascal e Fontenelle, entendiam o progresso como um acúmulo de conhecimentos através dos séculos, na medida em que no século XVIII passa ser entendido como uma “educação da humanidade”, que levaria à maioria do ser humano. No século XIX, tinha-se uma crença irracional no progresso ilimitado e encontrou aceitação devido ao desenvolvimento das ciências naturais, e essas ao explorar o universo e dissipar a fronteira entre aquilo que era dado pela natureza e aquilo que era dado pela cultura — o mundo — as ciências naturais desencadearam processos que naturalmente não ocorreriam. Logo o progresso científico carrega preocupações e consequências de ordem política, tanto no que se refere aos seus feitos, quanto aos seus efeitos (VAZ, 2018, p. 33).

Mário Vaz (2018) ao analisar a crítica que Arendt faz a noção de progresso, indica que ao caminhar para o futuro expressa o processo de transposição das barreiras naturais, e que fazer isso tem-se a possibilidade do fim da humanidade por meio da guerra. Com o avanço tecnológico dos instrumentos da violência alcançou-se um nível em que num eventual conflito armado causaria a destruição do mundo, e isso faz com que a guerra perca sua



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



eficácia e glamour. O objetivo das superpotências (países mais ricos e desenvolvidos) não é mais vencer e sim a dissuasão (ARENDR, 2004, p. 4).

José Barbosa e Reinaldo Santos (2017) analisaram em um artigo as implicações da ideia de progresso a partir do pensamento de Arendt, e mencionam que esse risco de destruição mútua – destruição da natureza e do domínio sobre ela – é apenas um dos efeitos colaterais da ascensão da ciência natural. Outro resultado desse crescimento das ciências, é a pretensão que o homem tem em usurpar, como diz Arendt, a prerrogativa exclusiva da ação divina, isto é, o criar (BARBOSA, SANTOS, 2017, p. 76). Tendo em vista esse desenvolvimento das ciências, segundo esses autores, é pertinente a preocupação de Arendt, pois levando em conta o progresso tecnológico, aliado a cooperação dos cientistas, mais ao investimento do Estado no desenvolvimento de armas nucleares, do perigo dos meios para se chegar no fim, este pode ser literal (BARBOSA, SANTOS, 2017, p. 85).

Dito isso, além dessa perspectiva de progresso que se relaciona mais aos avanços tecnológicos e como isso pode ser violento, é possível perceber outra ideia de progresso que também apresenta traços violentos. Essa ideia compreende o progresso enquanto uma “ideologia de redenção”, a qual se apresenta também como desenvolver algo que temos e melhora-lo, porém, é violento em outros sentidos que esses apresentados por Arendt. Para essa perspectiva Mônica Nogueira (2009) será de suma importância. Nogueira aponta que a ideologia da modernização e do progresso é acompanhada por projetos de desenvolvimento, ou como também é chamada de ideologia de redenção, essa forma sugestiva tem o objetivo de legitimar tais projetos, como sendo algo do interesse comum, porém, na maioria desses casos segundo Nogueira, atendem interesses de segmentos subalternos (NOGUEIRA, 2009, p. 164). Logo a seguir essa ideologia de redenção será melhor percebida a partir do diálogo com outros trabalhos acadêmicos que possibilitam ter uma ideia de como projetos de obras e investimentos públicos na intenção de alavancar o progresso e o desenvolvimento econômico de municípios de pequeno e médio porte tem impactos na vida e no trabalho das pessoas.

### **PROJETOS EM BUSCA DA REDENÇÃO E SEUS IMPACTOS**

Esses trabalhos foram selecionados, pois se aproximam minimamente da temática desse artigo e da dissertação. Ou seja, são trabalhos que contribuem para pensar questões



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



relacionadas ao progresso, trabalho, identidade entre outros conceitos discutidos. Além do mais, são trabalhos que se aproximam do referencial teórico, permitindo perceber como a experiência é abordada de diferentes perspectivas (e aqui não será discutido diretamente), seja pela História ou pela Antropologia. São interessantes também pelas maneiras que abordam as “populações tradicionais”.

A categoria de populações tradicionais engloba quilombolas, indígenas, camponeses, roceiros, seringueiros, oleiros e ceramistas artesanais, comunidades ribeirinhas, pescadores artesanais, entre outras. Segundo Nogueira, essa é uma categoria nova, polissêmica e ainda não há certo consenso sobre sua definição entre os sujeitos que o utilizam. De maneira geral, as populações tradicionais podem ser definidas na relação de oposição as sociedades urbanas e industriais, grupos que foram omitidos ao longo da história e que lidam com o avanço do modelo capitalista de desenvolvimento excludente. São vistos ao lado da natureza e potenciais construtores de caminhos alternativos para o desenvolvimento, baseados em seus conhecimentos sobre o meio ambiente (NOGUEIRA, 2009, 189). Além disso, segundo essa autora, são grupos que possuem uma rusticidade e produção de pequena escala, o que dessa forma o impacto ambiental é baixo. Outro traço que pode ser vinculado na definição das populações tradicionais é o

vínculo territorial ou à noção de pertencimento a um lugar específico, como fundamento da própria identidade desses grupos, sendo a comunalidade apontada, frequentemente, como um dos principais aspectos de distintividade de suas condutas de territoriais (NOGUEIRA, 2009 p. 195).

Logo as populações tradicionais possuem um modo de vida que tem uma relação muito próxima e de certa forma pertencente à natureza, conhecendo os ciclos desta e preservando-os, e em certos momentos a categoria constitui-se “num recorte de viés político, relacionado a direitos, especialmente à diferença cultural e ao território” (NOGUEIRA, 2009 p. 188). Os trabalhos a seguir abordam alguns grupos que fazem parte dessa perspectiva de população tradicional.

A tese de doutorado em História de Roberto Massei (2007) é pertinente para dialogar essa questão do progresso e os desdobramentos ambientais e sociais deste a partir de sujeitos históricos que vinculam ou vinculavam suas atividades e modos de vida a rios.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



De maneira geral, Massei se propôs a discutir o papel da tecnologia na edificação da usina hidrelétrica de Barra Bonita do estado de São Paulo, problematizando os impactos sociais, econômicos, ambientais e culturais provocados por essa construção às populações que lidam com a olaria e cerâmica de Barra Bonita a partir do recorte temporal de 1940 a 1970 (MASSEI, 2007, p.8). O autor fez uso ao longo de sua tese da História Oral e da História Cultural para que a partir das experiências de trabalhadores como oleiros, antigos moradores da região, além de técnicos que trabalharam ou participaram da construção da usina a fim de estabelecer uma relação entre tecnologia, natureza, ambiente e sociedade (MASSEI, 2007, p. 8).

Massei aponta outros elementos que fazem parte dessa ideologia de redenção. Segundo o autor, a partir de 1940 a ideia desenvolvimentista nacional é que ganhou força, e deste modo o país não poderia mais tolerar o subdesenvolvimento. Conforme esse autor, para impulsionar o progresso, o Brasil adotou uma política de investir em três formas. A primeira, o investimento em obras públicas (visando a infraestrutura ao sistema de produção); a segunda, aplicações em áreas sociais, tais como saúde, educação, previdência, entre outras; Por último, a mediação do Estado entre patrões e trabalhadores em negociações de acordos salariais e direitos trabalhistas (MASSEI, 2007, p. 43-44). Esse cenário de desenvolvimento é associado à modernização econômica do Brasil, de acordo com Massei, a ideologia do desenvolvimentismo é creditada a CEPAL como uma das principais responsáveis, essa comissão econômica indicava que era necessário industrializar-se para fortalecer a economia do país.

Nesse ímpeto do país em se industrializar e se modernizar, o Brasil adotou por volta das décadas de 1950 e 1970 planos de desenvolvimento que contemplam as três formas mencionadas. Setores básicos para industrialização tais como a energia era indispensável, pois esta era vista como uma das molas propulsoras do desenvolvimento e infraestrutura segundo o pensamento desenvolvimentista. Uma usina hidrelétrica seria promissora para promover o progresso, a industrialização dessa região de São Paulo e fortalecer o sistema elétrico nacional (MASSEI, 2007, p. 51).

Esse projeto era uma tentativa do Estado e das elites de legitimar tal projeto, pois almejavam superar o atraso econômico (visto que atividades econômicas de Barra Bonita eram baseadas na cafeicultura e atividades como a olaria e cerâmica) e creditar a redenção



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



dessa região nessa obra. Ou seja, para se desenvolver era preciso uma obra desse porte, pois iria gerar infraestrutura, condições mínimas para alcançar o progresso, no entanto, esse progresso teve impactos enormes (nem sempre positivos).

Para Massei, o custo do progresso imposto por essa ideia de desenvolvimento e modernização do país foi enorme. Em relação à região de Barra Bonita, a redenção não foi de encontro com a construção da usina, o processo de construção desta não foi tranquilo, houve conflitos. Os impactos de imediato foram a desapropriação e a indenização das pessoas que moravam próximo a barragem construída. Os locais que se retiravam argila ficaram submersos afetando assim os oleiros e ceramistas, ficou explícito o impacto ambiental segundo o autor.

Outro trabalho que se aproxima da temática desse artigo é a dissertação de mestrado em História de Cátia Sanfelice (2012). Nesse trabalho, a preocupação da autora era a de problematizar as mudanças pelas quais passaram os pescadores profissionais de Guaíra a partir da formação do lago de Itaipu em 1982 e da abertura do canal de navegação em 1996 no rio Paraná. Limites e pressões na vida e no trabalho foram impostos por transformações decorrentes dessas obras, nesse sentido a autora se propôs a entender essas mudanças e como os pescadores como um movimento social vêm resistindo e lutando para manter sua existência (SANFELICE, 2012, p. 14). O recorte temporal analisado pela autora foi delineado desde 1970 a 2011, fazendo uso de fontes escritas (principalmente a imprensa) e orais na tentativa de mapear a organização dos pescadores enquanto movimento.

Nesse trabalho é possível perceber também a noção de progresso e aliada a ela, a noção de desenvolvimento, ambas fez parte dos discursos de políticos (prefeitos/ vereadores), bem como de agentes técnicos que viabilizaram a construção. Um elemento que a autora chama atenção e que vai de encontro com os outros trabalhos dessa temática, é o discurso oficial em relação ao progresso e desenvolvimento que beneficiaria a todos igualmente, no entanto, no decorrer do seu trabalho é possível perceber que esse discurso não beneficia todos, e sim uma minoria, a ideia da autora foi de desnaturalizar esse discurso.

A formação do lago de Itaipu e da abertura do canal de navegação era visto pelas autoridades políticas locais e o governo do estado do Paraná, como uma aposta para impulsionar o desenvolvimento da economia da região. O canal tem como objetivo a navegabilidade e a integração via rede hidrográfica entre São Paulo e Paraná. No entanto, de





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



acordo com Sanfelice ao apoiar o potencial hidroviário de Guaíra na “esperança” de alcançar o progresso, não foram consideradas as consequências que o projeto poderia causar ao meio aquático (SANFELICE, 2012, p. 47).

O meio aquático teve um impacto grande devido às explosões para se abrir o canal de navegação, Sanfelice aponta que 80% dos peixes foram contaminados ou mortos pelas substâncias químicas das dinamites. As autoridades locais não consideraram os impactos ambientais e a pesca da região, ao ponto de querer ampliar o canal para que maiores embarcações possam navegar o que poderá ocorrer mais explosões e danos aos peixes e pescadores. Há dessa forma uma “naturalização” dessas ações.

Diante desse cenário os pescadores precisaram se adaptar. Para Sanfelice, parte do conhecimento produzido pelos pescadores sobre os costumes no trato com o rio, hábitos novos, a identificação de lugares em que tenha diferentes espécies de peixes não tem sido compartilhado, pois a forma de apropriar a natureza pelos pescadores sofreram mudanças (SANFELICE, 2012, p. 40).

Dadas as mudanças no seu modo de trabalho, somam-se a isso as mudanças ao seu modo de viver. Segundo a autora, os pescadores não tinham a preocupação se conseguiriam ou não seu sustento, pois encontraria ao longo do rio Paraná a produção necessária para sobreviver. Como a produção de peixes diminuiu, os pescadores passaram a trabalhar por mais tempo, tem-se um deslocamento para outros lugares, percorrendo distâncias que outrora não faziam, e há também a necessidade de desenvolver outras atividades para complementar a renda (SANFELICE, 2012, p. 40). No decorrer do trabalho de Sanfelice, esta percebe que as obras realizadas em Guaíra, visaram o progresso desse município, mas não foi o caso dos pescadores.

Em sua tese de doutorado em antropologia, Mônica Nogueira (2009) analisou como os Geraizeiros (camponeses do Norte de Minas Gerais) se articularam e passaram a reivindicar seus direitos territoriais enquanto uma população tradicional do Cerrado em virtude do plantio empresarial de eucalipto e de expropriação de terras comunais que dificultaram a reprodução dessas populações. Nesse processo de articulação e luta, a antropóloga percebeu a forma que a identidade e territorialidade dos geraizeiros foram se transformando na medida em que houve confrontos com a monocultura de eucalipto. Nesse sentido, a pesquisa dessa antropóloga assumiu uma perspectiva diacrônica, abrangendo a territorialização camponesa nos Gerais do



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



norte de minas, isso por volta do século XVIII, bem como da desterritorialização decorrente da monocultura dos eucaliptos nos de 1970 e da presente reterritorialização dos geraizeiros, segundo a autora através de assentamentos da reforma agrária e projetos de reservas extrativistas (NOGUEIRA, 2009, p. 16).

Nogueira descreve as frentes de modernização do sertão mineiro desde o século XIX. Porém é a partir da década de 1960 que a região norte de minas foi alvo de novas políticas de desenvolvimento e modernização. Há assim projetos de agricultura irrigada, pecuária intensiva e monoculturas de algodão e eucalipto que se desdobraram na instalação de um parque agro-industrial e outras indústrias (NOGUEIRA, 2009, p. 63). Esse padrão de monoculturas segundo Nogueira reduziu a agrobiodiversidade local e os acessos dos geraizeiros aos recursos naturais ficaram limitados, aliado a essa questão, a industrialização e urbanização em expansão modificaram o consumo dos geraizeiros. Houve assim uma troca da produção artesanal local pelos produtos industrializados.

Os geraizeiros segundo Mônica ficaram vulneráveis frente a esse impulso de desenvolvimento. Esses projetos ganharam legitimidade, pois basearam-se na ideologia do atraso do sertão mineiro em contraste com a ideia de redenção da modernidade. Percebe-se dessa maneira investimentos de dinheiro público em montar infraestruturas e financiamentos para subsidiar a produção da agroindústria o que abriu brechas para que a autora coloca como capitalismo autoritário.

Após essa longa e necessária explanação desses trabalhos, a ideia era evidenciar através deles (tendo em vista o andamento da dissertação que se vincula a esse artigo, em relação ao problema das fontes e a discussão proposta) como essa ideologia da redenção se concretizou a partir de obras e investimentos públicos para alavancar o desenvolvimento, e ao fazer isso, percebe-se que há uma imposição de um modo de vida e trabalho que é atrelado ao mercado. Ou seja, costumes, hábitos, culturas, modos de vida, atividades tradicionais foram sendo diminuídas e de certa forma, alguma parte extinguida. Nesse sentido há uma agressão não só a natureza, que com esses projetos passa a ser alterada com o objetivo de atender fins que nem sempre são da população como um todo. Como também tem-se uma violência a identidade dos sujeitos.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



## **VIOLÊNCIA E IDENTIDADE**

Sobre essa questão da violência e identidade pode-se entender a partir do filósofo Byung-Chul Han e do sociólogo Stuart Hall.

Segundo Byung-Chul Han no livro *Topologia da Violência* (2017), a violência é algo que não desaparece, ela se apresenta de variadas formas. Segundo Han, atualmente ela se retira em espaços subcutâneos e subcomunicativos, capilares e neuronais. Essa é uma forma microfísica. Desloca-se entre o visível e o invisível, do real para o virtual, do físico para o psíquico, e retorna a esses espaços mencionados e proporciona a perspectiva de que ela teria desaparecido.

As dimensões da macrofísica da violência aparecem na forma de negatividade, em relações de tensão bipolar: dentro e fora, amigo e inimigo, etc. Essas manifestações se anunciam de maneira explosiva, massiva e expressiva. Na topologia da violência aparece o poder arcaico da violência, do sacrifício e do sangue, o poder mítico dos deuses, o poder de forçar a morte pelo soberano, a violência da tortura, a violência sem sangue das câmaras de gás ou a violência do terrorismo. A violência macrofísica pode ser mais sutil, e se expressar como violência da linguagem. (HAN, 2017, p. 07).

Sobre a discussão de identidade, precisa-se compreender que o termo identidade possui múltiplos sentidos, é empregado comumente para definir algo que é idêntico, o que torna algo próprio, nisso pode ter algumas características, tais como nome, sexo, por exemplo, e isso faz com que se diferencie dos demais seres vivos ou objetos. É um conceito que talvez tenha origem na psicologia ou filosofia, porém percebe-se a história e a antropologia fazendo uso nos últimos anos.

Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) compartilha da afirmação que as identidades modernas estão se fragmentando, se deslocando, nesse sentido o autor procurou explorar essa afirmação e entender seus desdobramentos. De acordo com Hall, há um pensamento que as identidades estão entrando em colapso, um tipo de mudança estrutural que pode estar transformando a sociedade moderna em fins do século XX, e que muda as identidades pessoais entre outras coisas. Hall aponta três concepções de identidade do ser humano: a) sujeito do Iluminismo, em que o indivíduo é centrado, unificado, que possui capacidades de razão, e o centro do eu seria a identidade da pessoa, uma ideia bastante



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



individualista; b) o sujeito sociológico, já inserido nas complexidades do mundo moderno, no qual seu núcleo interior não era autônomo e sim construído na relação que estabelece com as outras pessoas, uma concepção de identidade baseada na interação; c) o sujeito pós-moderno a identidade não é fixa, permanente, o sujeito assume diferentes identidades, não sendo unificadas ao redor de si. O autor questiona o que poderia estar deslocando as identidades e a resposta pode ser sintetizada no termo globalização.

Hall citando McGrew (1992, apud HALL, 2006, p. 67) menciona que a globalização se refere aos processos que atuam numa escala global e atravessam as fronteiras nacionais de forma que possa integrar e conectar as comunidades em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo mais conectado. Por um lado há essa conexão, mas por outro há um deslocamento ou até mesmo a desintegração de identidades nacionais, identidades locais e novas identidades, as híbridas, estão entrando no seu lugar (HALL, 2006, p. 69). Ou seja, tem-se integração e de certa forma a unificação do mundo, o que abre perspectiva para que valores, linguagens, culturas se aglutinam em uma única coisa, diferenças e distinções culturais vão sendo ignoradas, é o que Hall chama de "homogeneização cultural".

Para perceber isso essa homogeneização os trabalhos de Massei e Nogueira são interessantes.

Após as modificações na região de Barra Bonita, percebe-se que as pessoas ficaram confusas ou perdidas com tantas mudanças, tendo em vista que estavam acostumadas a uma tradição. O modo de vida dos oleiros e ceramistas (assim como da população de Barra Bonita) alterou-se. De acordo com Massei, homens e mulheres incorporam aos poucos novos valores, e suas identidades transforma-se em híbridas (MASSEI, 2007, p. 275-276). Dessa forma, o local e a tradição são desvalorizados, o modo de vida dos oleiros, passou a perder importância nesse mundo globalizado. Com esse projeto de desenvolvimento e modernização, tem-se uma dilaceração de valores, costumes, hábitos, práticas que estavam ligados a essa atividade tradicional. Para Massei, esses hábitos não desaparecem por completo, pois se incorporou outros elementos e se apresentam de outras formas.

O plantio homogêneo de eucalipto para os Gerais e os geraizeiros teve uma série de impactos ambientais e ao modo de vida dessa população tradicional. Conforme Nogueira, após a marcação de posse das terras comunais geraizeiras pela Ruralminas (órgão do governo mineiro que cuidava das terras do estado naquela época), os tratores deram início a derrubada



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



das árvores, feito isso vieram às queimadas destas. Isso fez com que as terras, a vegetação, a fauna ficassem empobrecidas devido às alterações nas nascentes e no lençol freático. E isso diminuiu a produção agrícola, como também espaços para criação de gado de maneira solta e coleta de frutos, a produção geraizeira foi se complicando. Além disso, com o pessoal das empresas de plantio de eucalipto perdeu-se até a liberdade de percorrer pelos caminhos dos gerais. As festas tradicionais de atividades coletivas como é o caso da cata de frutos, as visitas entre vizinhos e parentes ficaram limitadas, ou seja, os costumes foram sendo alterados (NOGUEIRA, 2009, p. 148-149).

Esses processos são talvez aquilo que Han chama de violência global. Han dialoga com Hardt e Negri a respeito da violência global, segundo esses autores, a globalização se desenvolve por duas forças: de um lado, gera o “império” que constrói uma dominação capitalista descentralizada e desterritorializada; de outro lado a globalização produz uma “multidão” singularidades que comunicam entre si via rede e agem em conjunto. (HAN, 2017, p. 83). Essas forças constroem de acordo os dois autores uma nova edição de luta de classes, pois a violência que decorre do império é entendida como exploração alheia. Porém, para Han a multidão é a única classe que existe na globalização, pertencendo a ela os participantes do sistema capitalista. O império não é a classe dominante que explora a multidão, pois não há uma classe dominante, o que se tem então não é a exploração alheia e sim a autoexploração.

Nesse mundo globalizado Han menciona que os habitantes dele não possuem singularidades que possam resistir de forma conjunta contra o império. Para Han todo aquele que está inserido no processo de produção capitalista é agressor e vítima simultaneamente, e isso Hardt e Negri não compreendem (HAN, 2017, p. 83). Tendo em vista o ego e o afastamento entre si da sociedade, isso faz com que impeça de aparecer o poder social, este é coletivo, em comum, as ações em conjunto diminuem e um contrapoder ao sistema capitalista fica inviável. Para Han, depois da experiência comunista nada pode representar ameaça ao capitalismo, a exceto talvez a imaginação de uma implosão do sistema capitalista por um superaquecimento e supercontrole fazendo com que uma violência implosiva gere tensões que provoquem uma implosão (HAN, 2017, p. 84).

De acordo com Han, o sujeito de desempenho pós-moderno não é submisso a ninguém, ele já não é sujeito a qual inabita alguma subjugação, fica mais fácil a se liberar



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



para um projeto, essa mudança de sujeito para projeto não acaba com a violência, no lugar de uma agressão externa, tem-se uma autoagressão. Isso está diretamente ligada às relações de produção, a autoexploração é muito mais eficiente, pois seu desempenho é mais intenso do que a exploração alheia. Essa autocoerção explora a si a mesmo ao ponto de se esgotar (burnout) (HAN, 2017, p. 12). Dessa maneira, conforme Han, o sujeito vai internalizando instâncias de domínio exterior a ele ao ponto que faça parte dele. A violência simbólica é uma forma que serve automatismo do costume, ela se instala em coisas evidentes, nas coisas que se tornaram um hábito, e a violência se torna naturalizada. Um sujeito que seja flexível é mais interessante para as relações de produção, uma identidade consolidada pode atrapalhar o crescimento.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É preciso deixar claro que a ideia de discutir a noção de progresso através desses trabalhos é em consequência do estágio inicial da dissertação de mestrado do autor, e as outras fontes (além das entrevistas que serão realizadas) disponíveis não permitiram discutir identidade nessa perspectiva. Além disso, esse trabalho não é uma projeção do que pode ter ocorrido exatamente no contexto da região do Porto Camargo. A constituição da identidade dos pescadores, dos trabalhadores que estiveram na construção das pontes, dos moradores desse distrito talvez tenha ocorrido de outra forma, ou o impacto da construção em suas atividades e identidades foi mínimo (positivos ou negativos) ou não existem. Não é uma projeção, mas pode ser uma hipótese, isso só o diálogo com as fontes e a análise histórica poderá resolver esse problema (ou não).

Ao longo dessas páginas foi possível perceber que essa ideologia da redenção é violenta na medida em que altera ou agride a natureza e a identidade das pessoas. Além de mudarem suas atividades em determinados casos, foi preciso alterar sua identidade para continuar a existir nesse sistema de produção. É preciso salientar que nesses trabalhos os sujeitos tentaram resistir e ainda resistem de forma coletiva a fim de manter sua existência e tentar frear as investidas do capital.

Essas identidades híbridas são favoráveis ao sistema capitalista, pois faz com o que o sujeito seja mais dócil a dominação, são sujeitos dispensáveis.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Por fim, projetos de desenvolvimento não calculam os sentimentos, os sentidos, os conhecimentos produzidos pelas populações tradicionais, e o desenvolvimento e a industrialização é vista como felicidade. Há uma imposição de um modo de vida pautado pelo mercado a outro modo de vida estabelecido. O progresso pode ser globalizado, porém é também invasivo. “A modernização econômica de um país é uma tragédia para os povos tradicionais” como diria Massey (MASSEI, 2007, p. 44), e ela talvez foi prevista pelo anjo da história. Cabe em outras situações semelhantes questionar para quem ou o que é o progresso, seus impactos, refletir de forma coletiva e democrática para tomar decisões.

## REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BARBOSA, José João N., SANTOS, Reinaldo B. Os implementos da violência e o progresso tecnológico em Arendt. **Contextura**, Belo Horizonte, no 9, abr, p. 73-86. 2017.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. V1. 3 ed. 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Guaracira Lopes Louro-11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. São Paulo: Vozes, 2017.
- KALIFA, Dominique. **História de um imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2017.
- MASSEI, Roberto. **A construção da Usina Hidrelétrica Barra Bonita e a relação homem-natureza: vozes dissonantes, interesses contraditórios – (1940-1970)**. São Paulo, 2007. p.309. Tese de Doutorado pelo Programa de Estudos de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NOGUEIRA, M. C. R. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais**. Brasília, 2009, p. 233. Tese de Doutorado pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.
- SANFELICE, Cátia Franciele. **Mudanças no mundo dos trabalhadores: os pescadores profissionais de Guaíra/ PR (1970-2011)**. Marechal Cândido Rondon, 2012, 219 p. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- THOMPSON, E.P. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VAZ, Mario Sérgio. A crítica em Hannah Arendt a noção de progresso. **Revista Alamedas**, Vol. 6, n.1, p.32-37, 2018.